



A PERIFERIA DAS CONTRADIÇÕES: Bairro Jockey Clube- Campos dos Goytacazes-e a sua dinâmica socio-espacial

Aline da Silva Viana
Universidade Federal Fluminense
alineviana@id.uff.br

1 – INTRODUÇÃO

A formação do espaço urbano é resultado da ação de diversos agentes que produzem e reproduzem este espaço. A produção desse espaço é muito dinâmica, sendo encontradas, em uma mesma cidade, áreas que não possuem os mesmos equipamentos e a mesma infraestrutura que encontramos em outras. Pode-se dizer que a atual configuração do espaço urbano brasileiro é reflexo da forma bastante acelerada e desordenada, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, do crescimento das cidades. Em consequência da forma como se deu esse crescimento, as cidades do país assinalam as transformações do processo de acumulação do capital, bem como condicionam esse processo, caracterizam-se ainda, por apresentar uma série de problemáticas em comum as quais, em maior ou menor escala, acabam por comprometer a qualidade de vida dos cidadãos que nelas vivem e sobrevivem diariamente. Adjacente ao processo de crescimento das cidades brasileiras é perceptível em Campos dos Goytacazes um rápido crescimento urbano, crescimento esse que contribuiu para elevada taxa de ocupação na periferia. A partir desse processo de crescimento, propõe neste artigo, o estudo da segregação sócio-espacial urbana, assim como do adensamento urbano por meio dos condomínios fechados no bairro Jockey Clube no município de Campos dos Goytacazes, analisando os problemas que esta nova forma de morar causa no espaço urbano, e à própria população que vive ao entorno, considerando ainda à precariedade das políticas públicas urbanas no município. Reconhecendo a necessidade de ampliar o conhecimento, e a necessidade de políticas públicas urbanas em Campos dos Goytacazes, verifica-se, portanto a relevância deste trabalho, uma vez que são notórias as precárias condições de vida em determinados lugares na cidade, e esses mesmos lugares são marcados por muros altos que ignoram e



deixam de visualizar essas precariedades. Para tanto, foi realizada uma análise bibliográfica e documental para trazer elementos essenciais à luz do entendimento do tema proposto. Neste contexto, o artigo aqui apresentado propõe-se discutir o espaço urbano entendendo-o como espaço fragmentado e fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes (CORRÊA, 2001). Serão abordadas a dinâmica do acelerado crescimento urbano e as transformações espaciais em Campos dos Goytacazes. Destacando-se que, devido ao seu crescimento, há a ocupação desordenada de novas áreas, muita destas na periferia. Também se discute o processo dos muros altos em que o bairro Jockey Clube vivencia a presença de vários desses empreendimentos. É possível entender que os condomínios fechados se tornou um novo tipo de moradia fortificada. Para Caldeira, “os condomínios fechados não são um fenômeno isolado, mas a versão residencial de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas”. (2003: 256) Esse artigo tem ainda o objetivo de análise da segregação sócio-espacial e das políticas públicas urbanas no município, tendo ainda como principal abordagem à discussão do papel do Estado enquanto agente que produz e reproduz o espaço urbano. Visto é, que o Estado tem a responsabilidade de pensar e organizar o espaço urbano, principalmente por meio de políticas públicas, todavia, este contribui para o processo de reprodução e ampliação do capital. Refletindo criticamente a respeito da dinâmica do bairro Jockey Clube e das contradições vivenciadas nesta periferia, percebe-se que determinados territórios em Campos dos Goytacazes é um espaço sem cidadãos. Lugar esquecido, sujeito a todo tipo de problemas, sendo eles social, econômico, ambiental. Assim, determinados bairros dentro do município, principalmente o objeto desse estudo, precisa de um olhar especial por parte do poder público, mas também de toda sociedade, pois o mesmo vivencia as desigualdades espaciais e sociais, fazendo com que tais disparidades intensificadas pelos muros altos, o transforme na periferia das contradições.

2 – OBJETIVOS

Estudo da segregação sócio-espacial urbana, considerando a lógica do adensamento urbano na periferia Jockey Clube em Campos dos Goytacazes, RJ, através dos muros altos.



3 – METODOLOGIA

Para este estudo, o primeiro passo foi análise bibliográfica e documental para trazer elementos essenciais à luz do entendimento do tema proposto - através de livros, artigos, teses, jornais, atas; Análise de fotos e mapas.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

4.1- A LÓGICA DOS MUROS ALTOS NO BAIRRO JOCKEY CLUBE EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.

O acelerado crescimento urbano nos últimos anos em Campos dos Goytacazes fez surgir diversas formas de produção do espaço, em meio a elas, as novas formas de morar, ou seja, os condomínios fechados.

O bairro Jockey Clube, de localização periférica na cidade de Campos dos Goytacazes, sempre foi considerado segregado em relação aos bairros centrais. O bairro mesmo com disparidades em relação ao centro, sempre teve como destaque o hipódromo Jockey Clube (inaugurado em 20 de outubro de 1957), ao qual aconteciam corridas de cavalos, treinamentos de animais, consultas veterinárias e outros eventos. Com o passar dos anos o bairro foi crescendo ao passo que a cidade também crescia. Nessa lógica, este ganhou grande impulso a partir dos anos 2000, mas especificamente em 2006, com o início da implantação do grande empreendimento- complexo logístico e industrial do porto do Açú- no município de São João da Barra.

Esse bairro passou a partir de então por grandes transformações socio-espaciais. Um bairro periférico, que passa a ter um adensamento urbano desenfreado, principalmente pelas construções de diversos condomínios (MRVs), e ainda, os classes A, e outros.

O bairro Jockey Clube, ganha relevância e desenvolve este adensamento por encontrar-se localizado próximo às vias de acesso as praias, ao Porto do Açú, ao centro, ao Centro de Eventos Populares (CEPOP).

Em análise ao blog do Roberto Moraes, em entrevista de 27 de maio de 2012, o que se constata é que este bairro além de sofrer tantas modificações no urbano corrobora para desigualdades/segregação socio-espaciais.



Embora estando bem próximo do maior centro de eventos populares da América Latina, o CEPOP e sendo caminho para São João da Barra e, consequentemente, para o complexo portuário do Açú, o bairro Jóquei, na altura da Avenida Rosa Montezano de Oliveira, sofre com o descaso das autoridades competentes a anos.” (www.robertymoraes.com.br em 27 de maio de 2012)

Ainda a reportagem discorre os problemas,

O bairro cresce num ritmo assustador. Somente as casas populares abrigam cerca de 900 famílias e no condomínio Parque Guarani da MRV em construção, serão cerca de 450 famílias. Serão 1.350 novas famílias no bairro, isso sem contar com outros empreendimentos (loteamentos, condomínios, etc.) que não podemos obter dados numéricos. Com tantos moradores o bairro não conta com espaços públicos de lazer e, as áreas destinadas à construção de praças encontram-se totalmente abandonadas, servindo de locais adequados à proliferação de mosquitos da dengue, roedores e acúmulo de lixo e entulhos. Em alguns casos, como do loteamento Sunset Jóquei, os moradores se reuniram, pagaram pela limpeza do terreno destinado à praça, e confeccionaram placas com os dizeres: Proibido Jogar Lixo. (www.robertymoraes.com.br em 27 de maio de 2012)

É analisável, que o bairro apresenta contradições socio-espaciais, e que neste ano, em 2017, permanecem as grandes transformações tanto espacial como sociais. A que se ressaltar ainda, que as obras dos novos condomínios fechados continuam.

Há que se analisar que mesmo periférico o bairro se tornou atrativo da lógica imobiliária e da construção dos muros altos. É possível compreender que estes condomínios fechados ganham destaque por vender uma imagem de segurança e lazer.

Os condomínios fechados ou nas palavras de Caldeira (2003) “enclaves fortificados” tem sido opção de moradia, sendo propagado o medo, a violência e o crime como justificativas para o morar.

Ao mesmo tempo em que há um fundamento para o morar nos condomínios, por outro lado, são criadas novas formas de exclusão, segregação neste mesmo espaço urbano. A partir da imagem da violência e da insegurança, os agentes imobiliários se



beneficiam para “vender” os empreendimentos, vendem ainda uma “vivência” em espaços homogêneos, de felicidade e de lazer.

No estudo em questão, a periferia- Jockey Clube- em Campos dos Goytacazes, se tornou atrativa para construções dos empreendimentos imobiliários, através dos muros altos que abrigam, apartam e confinam. Tornou-se ainda, espaço de grande interesse privado.

Essa periferia acabou tendo um olhar do capital imobiliário com tais investimentos e, por outro lado, não foram visualizadas e muito menos suas desigualdades enxergadas, o que aperfeiçoa uma disparidade não só espacial, mas também social.

O bairro recebe os muros altos. É possível entender que os condomínios fechados se tornou um novo tipo de moradia fortificada. Para Caldeira, “os condomínios fechados não são um fenômeno isolado, mas a versão residencial de uma nova forma de segregação nas cidades contemporâneas”. (2003: 256)

É possível visualizar essa dinâmica na imagem abaixo;



Fonte: Site MRV

Imagem do bairro Jockey Clube



Fonte: google maps



Pensar estes condomínios fechados na periferia é analisá-los como “versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos” (CALDEIRA, 2003:258). Tais empreendimentos transformam o panorama da cidade, intensificando a segregação espacial.

Os enclaves fortificados compartilham de algumas características. Para Caldeira (2003: 258);

É propriedade privada para o uso coletivo e enfatizam o valor do que é privado e restrito ao mesmo tempo em que desvalorizam o que é público e aberto na cidade. São fisicamente demarcados e isolados por muros, grades, espaços vazios e detalhes arquitetônicos.

Esta autora continua ponderando que os enclaves privados e fortificados;

Tendem a ser ambientes socialmente homogêneos. Aqueles que escolhem habitar esses espaços valorizam viver entre pessoas seletas (ou seja, do mesmo grupo social) e longe das interações indesejadas, movimento, heterogeneidade, perigo, e imprevisibilidade das ruas. Os enclaves privados e fortificados cultivam em relacionamento de negação e ruptura com o resto da cidade e com o que pode ser chamado de um estilo moderno de espaço público aberto à livre circulação. Eles estão transformando a natureza do espaço público e a qualidade das interações públicas na cidade, que estão se tornando cada vez mais marcadas por suspeita e restrição. (CALDEIRA, 2003: 259)

O condomínio ao transformar a natureza do espaço público intensifica as desigualdades sociais. Segundo Caldeira, “os enclaves fortificados conferem status. A construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para a afirmação de distancia e desigualdades sociais”. (2003: 259)

Ao criar meios para a afirmação de distância e desigualdades sociais, os condomínios fechados, fortalece isso a partir da separação e das demarcações que promove na cidade.

Assim, os enclaves fortificados proporcionam um novo jeito de estabelecer fronteiras entre grupos sociais, criando novas hierarquias entre eles e, portanto,



constituindo explicitamente as diferenças como desigualdades. O uso dos meios literais de separação é complementado por uma elaboração simbólica que transforma enclausuramento, isolamento, restrição e vigilância em símbolo de status. Essa elaboração é evidente nos anúncios imobiliários.

É possível entender que o bairro se tornou espaço de desigualdades socio-espaciais, e que no mesmo permanece um olhar do capital imobiliário para mais e mais muros altos. Isso é percebível não apenas nas inúmeras construções dos condomínios, entretanto ainda é observável na venda em 2011 do Hipódromo Lineu de Paula Machado e a sede social do clube, que historicamente tem uma história e pertencimento ligados ao bairro.

Em análise a reportagem da folha1.com.br, é notório que este espaço foi comprado com o objetivo de mais muros altos. O bairro se tornou um lugar de grande especulação imobiliária, ganhando status de área valorizada, mesmo sendo na periferia, uma periferia que possibilita acesso a diversos espaços na cidade.

Assim destaca a reportagem em maio de 2011;

Foi arrematado em leilão federal, realizado ontem, a sede do Jockey Club de Campos dos Goytacazes. Foi leiloada a área de 170.000 m², que inclui o Hipódromo Lineu de Paula Machado e a sede social do clube. O bem foi arrematado por 7 empresários campistas, pelo valor de R\$ 4.550.000,00, que venceram uma disputa com a MRV Engenharia. Ali perto a MRV já tem duas áreas e a CHL tem uma, ambas já com empreendimentos. O valor do m² saiu barato para os vencedores do leilão, pois a área é nobre. Agora, deve ter destino para novos empreendimentos na área imobiliária. O motivo do leilão federal foi dívidas com contribuições previdenciárias. Não se pode defender quem deve à União, mas é uma grande pena para a cidade a perda de seu tradicional Jockey Club. Ainda cabem medidas protelatórias, mas especialistas dizem que o quadro é praticamente irreversível.



Fotos do Hipódromo Lineu de Paula Machado no bairro Jockey Clube em Campos dos Goytacazes



Fonte: ururau.com.br

A guisa de conclusão é possível ainda, compreender que os condomínios nas periferias são práticas novas socio-espaciais responsáveis por produzirem a segregação, mas também que este tipo de moradia reforça a lógica do medo e da violência, usada pelo mercado imobiliário. Nesse sentido, destarte, que a produção do espaço urbano é dinâmica e que a partir dos condomínios nas periferias, compreendem-se as diversas formas que os grupos sociais se organizam e como eles consomem o espaço. E ainda, como são invisíveis os que estão ao entorno dos “enclaves fortificados”.

Assim, o próximo item deste trabalho, discorre a respeito da segregação socio-espacial e das ações do Estado no urbano a partir das políticas públicas, entendendo ainda como este bairro se tornou a periferia das contradições.

4.2- SEGREGAÇÃO SOCIO-ESPACIAL, AS AÇÕES DO ESTADO NO URBANO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS.

Ao analisar o urbano, mas especificamente a cidade, é relevante antes de discorrer sobre a segregação na mesma, ponderar como esta cidade é organizada no capitalismo. Assim a mesma, cidade capitalista, é desigual e aprofunda as desigualdades e injustiças espaciais e sociais.

A aproximação ao tema segregação sócio-espacial ganha base e diversos autores e obras. Para Santos (1978: 74) “espaço vem sendo utilizado, em quase toda parte, como veículo do capital e instrumento da desigualdade.” Já para Soja (1993:01), uma “sociedade socialmente segregada é controlada através do espaço”.



Maricato (2003) pondera que na dinâmica das cidades as áreas periféricas são ocupadas pelas populações excluídas, as quais não são visualizadas pelo olhar do poder público. Essas áreas onde estão localizadas essa população esquecida e segregada corroboram para manter a mesma excluídas, reproduzindo a lógica do sistema desigual ao qual impera a fragmentação e disparidades neste espaço.

Este trabalho analisa a segregação para além do sinônimo de precariedade urbana. O mesmo faz as ponderações da segregação a partir da separação num mesmo espaço urbano, principalmente residencial entre os diferentes grupos sociais.

Ao pensar o bairro Jockey Clube, em Campos dos Goytacazes, é possível entender que a periferia é desigual, apresenta visivelmente as contradições do espaço urbano capitalista, em que valoriza áreas em detrimento a outras. É possível entender que a segregação é tanto espaciais e também sociais. A população que nela vive diariamente se torna submetida à reprodução da estrutura capitalista desigual, sendo ainda segregada de uma forma imposta.

Ponderar a respeito de políticas públicas, principalmente no urbano- as de infraestrutura-, remete as análises de pensar as ações do Estado no espaço urbano. Essas ações, por meio das políticas públicas podem contribuir para diminuir ou até reforçar a segregação.

Ao pensar as desigualdades socio-espaciais e as políticas públicas para tais problemáticas, recorrem-se as análises de Clauss Frey (2000), para compreender que a política pública urbana pode ter um viés “aparentemente” democrático, mas a sua prática reproduz a lógica do desenvolvimento desigual e combinado, em que as mesmas se tornam reprodutoras da segregação socio-espacial.

As políticas públicas devem compreender três fases, a saber: a *Polity*, que se refere à ordem do sistema político, delineada pelo sistema jurídico e pela estrutura institucional do sistema político administrativo; a *Politics*, que se refere ao processo político em si, frequentemente de caráter conflituoso, sobretudo, no que tange à imposição dos objetivos, aos conteúdos e às decisões de distribuição; finalmente, tem-se a dimensão da *Policy*, relacionada aos conteúdos concretos, configurados pelos programas políticos propriamente ditos – as questões técnicas e conteúdos materiais das decisões políticas. Ao se analisar os processos de segregação socio-espacial, claro está, pois, que em países ou em regiões subdesenvolvidas ou em desenvolvimento, com



democracias não consolidadas, as políticas públicas, via de regra, não tendem a considerar as demandas dos diversos atores sociais, mormente, aqueles que se enquadram em esferas de maior vulnerabilidade socioeconômica e também política.

Do ponto de vista do neo-institucionalismo, o processo de segregação socioespacial na periferia e, conseqüentemente, a implantação de condomínios fechados neste território, apenas segue os padrões institucionais tradicionais, esvaziando de significado das histórias de vida dos atores na demanda de seus interesses pessoais ou coletivos circunscritos à arenas específicas. O resultado não poderia ser outro: espaços desiguais e combinados – locais, antes sem cidadãos, que se transformam em novos territórios destinados as populações que vão vivenciar suas vidas nos muros altos em detrimento a outras populações que estão ao seu entorno e são esquecidas e nem visualizadas.

Ao analisar essa dinâmica no espaço urbano, visto é, que o Estado tem a responsabilidade de pensar e organizar o espaço urbano, principalmente por meio de políticas públicas, todavia, este contribui para o processo de reprodução e ampliação do capital.

Nas análises de Marques (2000), as políticas do Estado surgem, então, como produto das estratégias e ações de atores políticos específicos, moldadas pelas instituições (herdadas, presentes e em contradição) pelas posições relativas de cada um deles na rede social da comunidade profissional estudada, assim como pelas configurações da região. (p.16)

Para este autor existe um insulamento do Estado com relação aos interesses privados inexistentes no caso brasileiro, onde o Estado e o setor privado se apresentam imbricados de forma complexa e disseminada.

É possível discorrer que nesse processo, é importante entender que a produção do Espaço urbano deve ser pensada como decorrente da ação de agentes sociais concretos com papéis não rigidamente definidos, portadores de interesses, contradições, conflitos e de diferentes práticas espaciais próprias. São portanto, os agentes sociais concretos que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, deste modo, processos sociais e agentes sociais são elementos fundamentais na compreensão da sociedade e de seu movimento. Portanto, identificar os agentes de produção do espaço auxilia a compreender as dinâmicas e práticas sociais destes agentes no espaço urbano (CORRÊA, 2001).



Marques (2000:55) discorre que a compreensão da estrutura da cidade é fundamental para o entendimento das ações do Estado no urbano, pois a produção do espaço não representa uma simples cristalização de ações passadas na estruturação da cidade e em suas construções, mas se constitui também pela constante recriação dos espaços e reinterpretação de seus conteúdos e significados por parte dos atores sociais atuantes na cena urbana. Os processos de produção do espaço apresentam, portanto, um caráter intrínseco “path dependente”: o conjunto de alternativas de intervenção, assim como a própria compreensão do espaço, são constrangidos fortemente por momentos históricos anteriores, e para compreender os investimentos realizados em um dado momento é necessário ter em mente a conformação da cidade e de seus espaços particulares.

Como explicitado acima, diversos são os agentes sociais que consomem o espaço urbano, entre eles está o Estado, que segundo Coutinho (1989) é pensando e analisado por ele como fruto das contradições, representando o domínio de classes.

Na lógica dos agentes encontra-se ainda o mercado privado. O próprio mercado imobiliário é relevante e fundamental para entendimento da lógica da segregação socioespacial. As áreas ganham valorização e abrigam as classes que “podem pagar”, todavia, as que não podem “pagar” vivem ao entorno, tendo que conviver com as desigualdades lado a lado.

Assim, Couto (2011) pondera que somente os que não têm acesso ou não está inserido no mercado imobiliário formal, acabam por ter acesso à margem da cidade. As margens pode ser entendida no caso específico deste trabalho, aos que estão em volta dos “enclaves fortificados”.

Do ponto de vista analítico, esta problemática apresentada, pondera como o Estado tem poder regulador sobre o território. A partir desse “poder” ele utiliza desse benefício para desenvolver as políticas urbanas, valorizando determinadas áreas em detrimento a outras. Assim ainda, o Estado acaba por deixar a população que já era segregada, ainda mais.

Para Bichir (2006:79);

O Estado tem forte influência na produção desses espaços segregados, uma vez que a sua atuação no ambiente construído, por meio de investimentos em infraestrutura e/ou outros investimentos públicos,



gera valorizações de certas áreas e desvalorizações de outras, fazendo com que a população menos favorecida não possa arcar com os custos das benfeitorias e seja obrigada a se deslocar para outras áreas, geralmente mais distantes e degradadas, desprovidas de infraestrutura básica e equipamentos públicos, aumentando, desse modo, seus gastos com transporte e sua exposição a variados tipos de risco. As políticas públicas tradicionais também criam e transformam o espaço simplesmente por sua localização, gerando condições diferenciadas de acesso aos diferentes grupos sociais.

É possível ainda, conforme esta autora, refletir que;

As políticas públicas devem considerar não apenas as características individuais dos possíveis usuários, mas também as características do ambiente em que estão localizados, uma vez que os padrões de contiguidade, vizinhança e distâncias causam diversos efeitos sobre indivíduos e grupos. Residir em locais altamente segregados pode ter diversas consequências, como o isolamento em relação às redes sociais e econômicas mais relevantes, a exposição a diversas condições de riscos- tanto socioeconômicas quanto ambientais-, situações que podem gerar uma série de “externalidades negativas” que tem efeitos significativos sobre os circuitos de reprodução da pobreza. (BICHIR, 2006: 81)

No caso específico do Jockey Clube, em Campos dos Goytacazes, RJ, as análises teóricas e as observações neste território, permite analisar que este lugar sempre foi periférico e segregado, entretanto, com o avanço e construções dos condomínios fechados, intensificou ainda mais a segregação, tendo que a população ao entorno vivenciar cotidianamente a precariedade das políticas públicas em detrimento aos altos investimentos do setor imobiliário, em que o mesmo vende uma imagem de um bairro relevante para se morar, todavia, as contradições espaciais e sociais são concretas, embora se tornam invisíveis para os que estão dentro dos “enclaves fortificados”, não enxergando as desigualdades ao seu redor.

Nesse sentido, este trabalho, construído a partir de disciplina Estado e Políticas Públicas, do programa de Pós graduação em nível de mestrado em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas, da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes, foi construído a partir do olhar para esta periferia-Jockey Clube- que ao longos dos anos sofreu grandes transformações espaciais, principalmente as construções de vários condomínios fechados, corroborando para intensificação da



segregação socio-espacial, ao tempo em que este território se tornou atrativo aos olhos da lógica do mercado imobiliário, que promoveu uma valorização de mercado deste bairro, o que tornou o mesmo, a periferia das contradições. Claro é, pois, que essa periferia se transformou num local privilegiado para os que estão dentro dos muros altos, não obstante segregou ainda mais os que estão ao redor desses “enclaves fortificados”. A periferia então, se tornou moradia para os que podem pagar para vivenciar nos condomínios fechados e ainda permanece como território para os que se tornaram “invisíveis” por residirem fora dos condomínios.

Este trabalho foi construído a partir de análises bibliográficas, observações das modificações ao longo do tempo e de reportagens em blogs e sites a respeito do bairro. Pretende-se então, não esgotar as leituras e análises deste tema e sim ampliar a discussão e análises com objetivo de encaminhar a problemática de forma mais ampliada para dissertação do mestrado.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo analisou o impacto da instalação dos muros altos na periferia, neste caso, Jockey Clube, e conseqüentemente a intensificação da segregação socio-espacial. Nesse sentido, as análises deste trabalho demonstraram ser o espaço urbano campista muito dinâmico, e apresentar muitas contradições, próprio das cidades capitalistas.

Os muros altos se instalaram no território, venderam a imagem da segurança, do lazer, da felicidade, com toda uma estratégia de tornar a periferia um território de acesso às áreas centrais da cidade e de ainda estar no circuito das principais vias de acessos as praias e ao complexo portuário do Açú, contribuíram ainda para intensificar a segregação espacial e social, visto que os condomínios fechados apartam, segregam, desenvolvendo uma lógica desigual e combinada das quais os que estão ao redor desses muros altos acabam por experimentar com intensidade as desigualdades.

Ao pensar essas desigualdades foi fundamental entender as políticas públicas, para tal problemática urbana, entendendo que a mesma pode ter um viés “aparentemente” democrático, mas a sua prática reproduz a lógica do desenvolvimento desigual e combinado, em que as mesmas se tornam reprodutoras da segregação socio-espacial. Dessa forma, o processo de segregação socio-espacial na periferia e,



consequentemente, a implantação de condomínios fechados neste território, apenas segue os padrões institucionais tradicionais, esvaziando de significado das histórias de vida dos atores na demanda de seus interesses pessoais ou coletivos circunscritos às arenas específicas. O resultado não poderia ser outro: espaços desiguais e combinados – locais, antes sem cidadãos, que se transformam em novos territórios destinados às populações que vão vivenciar suas vidas nos muros altos em detrimento a outras populações que estão ao seu entorno e são esquecidas e nem visualizadas.

Neste sentido torna-se imprescindível repensar o planejamento urbano no contexto da cidade de Campos dos Goytacazes tendo em vista as especificidades locais e principalmente estabelecer mecanismos de interlocução entre o público alvo das políticas públicas no bairro em questão neste artigo e poder público de forma a construir projetos que considerem as dimensões sociais vividas por esta população.

A partir das análises ponderadas neste artigo, pode-se perceber a necessidade de se construir estratégias para superar a falta de efetividade das Políticas Públicas sobre as demandas particulares desta periferia, e analisar a lógica perversa do mercado, através dos agentes imobiliários que consomem o espaço urbano. É importante ressaltar que a reflexão sobre esta questão, e as ponderações, não precisam estar correlata à própria dinâmica e vivências da população segregada ao entorno dos “enclaves fortificados” e ainda, desconsiderar os aspectos peculiares desta população e desfavorecer a luta por direitos e cidadania. Desta forma, concorda-se com (COUTINHO 1997: 146) quando discorre que a cidadania só pode ser construída através de um processo contínuo envolvendo na luta necessariamente as classes subalternas envolvidas em um processo histórico de longa duração. Desta forma, este artigo, tem como perspectiva demonstrar a necessidade da participação popular nas formulações de projetos de Planejamento Urbano, visto que a periferia Jockey Clube, precisa deixar de ser visíveis para os olhos no capital imobiliário, e da lógica perversa dos muros altos, e para o Estado, e se tornar visível aos olhos das políticas públicas e de toda a sociedade, para que este bairro deixe de ser a periferia das contradições.

6 - REFERÊNCIAS (Segundo a ABNT)



- ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos Bernardo. **A Cidade de Pensamento Único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000. 192 p.
- BICHIR, Renata Miradola. **Segregação e Acesso a Políticas Públicas no Município de São Paulo**. Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de mestre em Ciência Política. São Paulo, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e Desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. 2. ed. Campinas - Sp: Editora da Unicamp, 2012. 238 p.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução de Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008. (coleção Repensando a Geografia).
- CARNOY, Martin. **Estado e Teoria Política**. Papirus, Campinas-SP, 1994.
- CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed., São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **O espaço urbano: notas teóricas- metodológicas**, in: Trajetórias geográficas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **A cidade dividida: Da inclusão precária à territorialização perversa**. In: *XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, Belo Horizonte, 2011.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Notas sobre Cidadania e modernidade**. IN: Revista Praia Vermelha. Estudos de Políticas e Teoria Social. V. 1. PPGESS-URFJ, 1997.
- _____. Carlos Nelson. **Representação de interesses, formulação de políticas e hegemonia**. In. Reforma Sanitária- Em busca de uma teoria. Sonia Flaury Teixeira (org). Cortez, São Paulo, 1989.
- CRUZ, José Luis Vianna da. **Os desafios na região brasileira do petróleo**. In: (org.). Brasil, o desafio da diversidade: experiências de desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Senac, 2005. p. 49-104.
- FARIA, Teresa Peixoto. **Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo
- FREY, K. **Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil**. Planejamento e políticas públicas, Brasília, IPEA, n.21, jun., 2000.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.
- LEAL, José Agostinho; SERRA, Rodrigo Valente. **Uma investigação sobre os critérios de repartição dos royalties petrolíferos**. In: PIQUET, Rosélia. (org.) Petróleo, Royalties e Região. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2003.
- MARICATO, Ermínia. Metrôpole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*. V.17, n.48, 2003. (p.151-168)
- MARQUES, Eduardo Cesar. **Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro**. Revan; São Paulo: FAPESP, 2000.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. São Paulo, Hucitec, 2000.



- MENDOÇA, Jupira Gomes de; COSTA, Heloisa Soares de Moura (Org). **Estado e Capital mobiliário**: convergências atuais na produção do espaço urbano brasileiro. Belo Horizonte: C/arte, 2011. 350 p. Organizadoras.
- ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015. 423 p.
- SANTOS, Cláudio Hamilton. **Políticas Federais de Habitação no Brasil: 1964/1998**. Brasília: Ipae, 1998.
- SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 2. ed., São Paulo: HUTCITEC, 1994.
- _____. **Pobreza urbana**. São Paulo: Hucitec, 1978
- _____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997a.
- _____. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1997b.
- _____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. **O espaço do cidadão**. 6 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2002. –(coleção espaços).
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record:2006.
- SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas: **A reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.
- http://www.folha1.com.br/_conteudo/2011/05/blogs/pontodevista/902702-o-fim-do-jockey-club-de-campos.html
- <http://www.robertomoraes.com.br/2012/05/bairro-do-joquei-em-campos-pracas.html>
- http://ururau.com.br/cidades37454_Hip%C3%B3dromo-Lineu-de-Paula-Machado,-em-meio-a-justi%C3%A7a,-completa-56-anos